



## A economia italiana e o desenvolvimento dos distritos industriais

Raquel Duaibs<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir o desenvolvimento dos distritos industriais na Itália. Considerados como um dos exemplos de maior sucesso, eles contribuíram para estimular o processo de reestruturação produtiva baseado na especialização flexível, que por sua vez vem gradativamente substituindo a organização do trabalho estabelecida no modelo fordista de produção. O texto se inicia com uma breve contextualização histórico-econômica da Itália, sinalizando elementos que foram importantes para que esses arranjos produtivos locais se consolidassem no país. Em seguida, a abordagem dos distritos industriais ganha destaque, apontando as principais características que estimularam o seu êxito no território italiano.

**Palavras-Chave:** Distritos industriais italianos, especialização flexível, economia italiana.

Recebido em 11/08/2016  
Aceito para publicação em 26/08/2016

### O desabrochar tardio da economia italiana

A história da economia italiana registra altos e baixos, com maior ênfase nos períodos de crise do que nos de prosperidade. De acordo com Bianchi (2013), a Itália se tornou um país extremamente pobre após a sua unificação – que ocorreu em 1861 – e entre 1875 e 1915 cerca de 14 milhões deixaram suas terras em busca de uma condição de vida mais favorável em países distantes. No ano de 1915, o país ingressou na Primeira Guerra Mundial por meio do Pacto de Londres, um tratado secreto que formou uma base aliada composta por Itália, França, Grã-Bretanha e Império Russo. Ao final da guerra, em 1918, esse bloco saiu como vencedor dos confrontos contra o bloco liderado pela Alemanha, e a Itália se beneficiou com a conquista de alguns territórios, entre eles as regiões de Trentino-Alto Adige e Venezia Giulia. Contudo, as consequências

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail para contato: duaibs@gmail.com.

econômicas e sociais para o país foram duríssimas, pois como a Itália tinha sua economia baseada na agricultura e perdeu grande parcela de sua força de trabalho durante a guerra, esse cenário provocou a ruína de muitas famílias que não tinham mais condições de trabalhar a terra e se sustentar.

A situação econômica negativa era generalizada, e uma das diversas consequências foi a escassez de matérias-primas no âmbito da produção. Além disso, os cofres do Estado encontravam-se praticamente vazios, considerando que naquele período a lira havia sido bastante desvalorizada. A fragilidade socioeconômica na qual a Itália se encontrava levantou rumores de uma possível revolução comunista, assim como tinha ocorrido na Rússia em 1917. Diante do descontentamento de todas as classes sociais, Benito Mussolini fundou na cidade de Milão, em março de 1919, um movimento que pregava a vontade de transformar, se preciso com métodos revolucionários, a vida italiana. O movimento, conhecido como fascismo, denominava-se como uma terceira via, que seria alternativa ao capitalismo e ao comunismo. Em 1920, o movimento se consolidou como partido político, criando o Partido Nacional Fascista. Com a “marcha sobre Roma” em 1922, os fascistas pressionaram o Rei Vittorio Emanuele III a nomear Mussolini como Primeiro Ministro da Itália. Ao conquistar o poder, ele conseguiu articular as políticas nacionais até que implementou em definitivo sua ditadura totalitarista, que teve fim apenas em 1945.

Em setembro de 1939 iniciou-se a Segunda Guerra Mundial, impulsionada por dois blocos hegemônicos: de um lado Alemanha, Itália e Japão, e de outro França, Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética. Os confrontos cessaram em setembro de 1945, e o bloco liderado pelos Estados Unidos saiu como o vencedor da Guerra. Além de ter sido derrotada nos confrontos, a Itália teve como principais consequências o declínio de Mussolini no poder, que foi capturado e executado pelos combatentes partigianos<sup>2</sup> que lutavam contra o fascismo; as diversas cidades que foram reduzidas a escombros devido aos bombardeios; as inúmeras regiões que foram ocupadas por tropas americanas; e, de acordo com Martino (2005), o alto número de italianos mortos durante a Guerra, que se estima em torno de 415.000, entre militares e civis. Todos esses elementos contribuíram para que o caos se instaurasse no país, mas, surpreendentemente, logo após a queda de Mussolini a Itália retomou sua

---

<sup>2</sup> Os partigianos eram pessoas civis que se tornaram combatentes armados sem pertencer a nenhum exército oficial, mas que lutavam pelo movimento de resistência contra o Pacto Tripartite durante a Segunda Guerra Mundial, assinado inicialmente por Alemanha, Itália e Japão.

recuperação e seu desenvolvimento.

A indústria italiana atingiu o limiar dos anos 1950 com uma estrutura que era orientada em grande medida pelo desenvolvimento de atividades que antecederam o período bélico. Esse contexto foi se alterando após a Segunda Guerra Mundial, que estimulou o progresso e beneficiou a situação econômica do país. A Itália do pós-guerra não era um país subdesenvolvido, mas continha zonas amplamente subdesenvolvidas e outras completamente por desenvolver-se, que funcionavam sob economias rurais e artesanais. Contudo, na cena internacional, o país era visto com todas as características de um país industrializado, contendo indícios de alta industrialização, como elevado volume de atividades financeiras, boa estrutura do mercado de crédito, organização sindical e grandes conflitos operários, ainda que esses fossem duramente reprimidos. Os governos do período seguinte ao pós-guerra foram forçados a alcançar um grau maior de abertura econômica, seja pelo fato de haver exigências de blocos políticos aliados que requeriam tal abertura, seja porque perceberam que o aumento da exportação se mostrava como a única saída para o renascimento da economia do país. Devido a tais exigências, foi necessário um ajuste que alavancasse um rápido desenvolvimento da indústria: para que ela fosse competitiva, seria fundamental colocar em prática a recuperação das plantas produtivas, além de fomentar uma abundante oferta de mão de obra a baixo custo.

O período em que a Itália vivenciou o seu “milagre econômico” foi marcado especialmente entre 1955 e 1963, com taxas inéditas de crescimento econômico sustentadas pela expansão industrial, as quais variaram entre 6% e 8% ao ano, e pelo aumento da renda per capita de 5,6% entre 1948 e 1962. Em pouco tempo, a economia se transformou e modificou o país, de forma a deixar as tradições agrícolas em segundo plano para se consolidar enquanto uma potência econômica e industrial. Como consequência direta desse fenômeno, a produção de aço, de automóveis e de produtos têxteis e alimentares foi impulsionada, favorecendo as taxas de investimento e o consumo das famílias. A situação econômica positiva beneficiou inclusive os mais pobres, como os camponeses e os operários. O nível de desemprego conseguiu decrescer de maneira expressiva, especialmente durante o decênio de 1960. Entre 1951 e 1981 os salários triplicaram, fomentando o mercado interno e movimentando ainda mais a economia (BERTONHA, 2005), embora o período de maior crescimento econômico tenha se encerrado no final dos anos 60.

O desenvolvimento dos anos 50 foi possibilitado pela oferta de trabalho

completamente elástica, situação peculiar à Itália, que não necessariamente era encontrada nos países vizinhos. Contudo, esse quadro teve o seu fim próximo e, no final dos anos 60, eclodiu de maneira generalizada um grande conflito operário sem precedentes no país, fator que demonstrou que a crise estava continuamente tomando o lugar daquele período econômico positivo para os trabalhadores. Os anos 70 se iniciaram com uma profunda crise, que encerrava as fases de estabilização monetária, de produção em massa e do sistema de controle social que havia sustentado o período de desenvolvimento graças às políticas públicas e ao controle da inflação.<sup>3</sup> Essa situação se acentuou entre 1972 e 1973, quando os investimentos diminuíram e a inflação cresceu. Houve ainda um aumento expressivo no preço das matérias-primas, impactado essencialmente pela crise do petróleo no ano de 1973. A crise se ampliou nos dois anos consecutivos e, em 1976, iniciou-se um período de estagnação econômica (BIANCHI, 2013).

De acordo com Barca (2010b), entre 1973 e 1993 a moeda italiana da época (lira) perdeu mais de dois terços do próprio valor. Essa depreciação, que se iniciou no período em que ocorreu a crise do petróleo, desencadeou a inflação e fomentou o crescimento da dívida pública, situação que se revelou insustentável: em 1962 a dívida pública italiana atingiu o patamar de 33% do PIB. Em 1973 esse número saltou para 55% e, em 1990, o valor da dívida pública alcançava os 100% do PIB nacional. Entre 1995 e 1996 a lira sofreu novas depreciações, situação que obrigou o país a encarar graves sacrifícios econômicos.

Diante desse quadro, se iniciou uma profunda reorganização do sistema produtivo e uma intensa necessidade de reformar as instituições públicas do país. Segundo Bianchi (2013), a concorrência assumiu um aspecto dinâmico e alterou a natureza das empresas, que passaram a gerir sob inúmeras estratégias diversos produtos e mercados. O mercado iniciou sua aderência ao que hoje conhecemos como globalização, situação na qual se expõem ao ápice da concorrência sem barreiras protetivas. A reordenação da produção exigiu um leque maior de tipos de produtos ao mesmo tempo em que impôs a redução de unidades produzidas. Esta grande reestruturação que envolveu as empresas italianas entre o final dos anos 70 e os primeiros anos da década de 80, não pode ser resumida a apenas uma aceleração nos investimentos em maquinários. Mais

---

<sup>3</sup> No ano de 1980 o Ministro da Participação Estatal revelou em um documento público que o governo estava perdendo o controle da situação financeira e administrativa das empresas públicas (BIANCHI, 2013).

do que isso, ela produziu uma reorganização global da produção e dos mercados. Bianchi (*ibidem*) afirma que esse fenômeno nasceu de uma necessidade oriunda na metade dos anos 70 de superar a produção em massa e os restritos mercados nacionais.

Bianchi ainda demonstra como a organização da produção se modificou ao longo dos anos em que o país se desenvolveu: em 1931, 47% da população economicamente ativa estava empregada na agricultura, 31% na indústria e 22% no setor de serviços. No ano de 2011, após 80 anos, a situação se mostrou bastante distinta: apenas 4% da população ainda se dedicava ao trabalho agrícola, enquanto que 30% permanecia ocupada com o trabalho industrial e 66% estava empregada no setor de serviços. Esses dados apontam para o abandono da terra e para a mecanização do trabalho agrícola, assim como para a permanência das atividades industriais sem grandes alterações e para o crescimento continuado das atividades relacionadas ao setor de serviços.

Ainda que o crescimento econômico fosse um evento generalizado na maior parte da Europa, a Itália conseguiu aproveitar as circunstâncias (como a estabilidade política da década de 1950 e a proteção financeira e militar dos Estados Unidos mediante o Plano Marshall) e se beneficiar dos momentos de prosperidade para avançar e se desenvolver. Todos os índices sociais que impactavam na qualidade de vida aumentaram consideravelmente, aproximando a Itália dos tradicionais índices europeus. Os italianos tiveram acesso ao consumo de bens duráveis que até então eram restritos a poucos, como televisores, máquinas de lavar, geladeiras e automóveis. Se em 1951 o país contava com apenas 425 mil automóveis, em 1965 esse número saltou para 5,5 milhões (BERTONHA, 2005). Contudo, ainda que neste período a Itália tenha conquistado um patamar de renda, de bem-estar e de poder de consumo maior do que já houve em qualquer época anterior, as desigualdades econômicas e sociais não foram abolidas e a pobreza continuou presente, especialmente nas regiões do sul do país. Além disso, a partir da década de 1960 a economia passou a desacelerar e a alternar períodos de crise, como na década de 70 com a crise do petróleo, e períodos de crescimento econômico, como ocorreu nos anos 80. Os anos 90 foram marcados por grandes mudanças no cenário industrial italiano. Entre elas, estavam presentes as privatizações, o surgimento de novos empresários – principalmente nos distritos industriais – e a reorganização dos velhos grupos familiares que administravam a produção.

A Itália iniciou o século XXI com uma situação econômica positiva. No ano 2000, o PIB do país era o sétimo no ranking mundial, atingindo cerca de 1,1

trilhões de dólares. A renda *per capita* ultrapassou os vinte mil dólares e quase se equiparou a renda *per capita* da França (BERTONHA, *ibidem*). O euro, a moeda única europeia a que grande parte dos países do continente aderiu gradativamente, foi lançado em 2001. A Itália aderiu à moeda em 2002.

A falta de investimentos em educação e formação é um dos principais elementos responsáveis pela dificuldade estrutural de crescimento e desenvolvimento da indústria italiana. Bianchi (2013) analisou os dados sobre educação lançados pela OCDE<sup>4</sup> em 2012 e, entre os países membros, a Itália ocupa o último lugar no quesito gastos públicos com educação sobre o montante total de gastos públicos, com cerca de apenas 9% reservados à educação, enquanto que a França destina 10,4% de seus recursos, a Alemanha 10,5% e a Grã Bretanha 13,1%. Os gastos públicos refletem diretamente no nível de escolaridade de cada país. Em se tratando de diploma da escola secundária, apenas 54% da população italiana concluiu seus estudos, enquanto que 70% dos franceses, 74% dos britânicos e 85% dos alemães terminaram os estudos de nível secundário. Com relação ao terceiro grau, os dados apontam que a Itália registra apenas 15% de estudantes que ingressaram no ensino superior após concluírem o ensino secundário, enquanto que os países mais avançados registram em torno de três ou quatro vezes mais do que o patamar italiano. Entre os países que integram a OCDE, a média se estabelece em torno de 30%. No interior desse grupo, a Itália é um dos países – se não o país – com a menor taxa de instrução, seja no âmbito do ensino secundário ou do ensino superior. Acompanha esse índice ainda, as taxas mais baixas de formação profissional, de investimento em pesquisa e de remuneração para aqueles que conseguem o diploma do ensino superior. De acordo com dados de 2013 publicados pelo jornal *Corriere della Sera*,<sup>5</sup> apenas 30% dos jovens com 19 anos se matriculam na universidade e, entre eles, 17% abandonam os estudos ainda no primeiro ano letivo. Esses dados dificultam o crescimento econômico do país, assim como o desenvolvimento social e cultural da população italiana.

Os distritos industriais

No início dos anos 1950, a estrutura da indústria italiana era composta

---

<sup>4</sup> A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico é uma instituição internacional formada por 34 países, que visa, entre outros objetivos, comparar políticas econômicas, solucionar problemas comuns e coordenar políticas nacionais e internacionais.

<sup>5</sup> Dados publicados em 06/12/13 no jornal *Corriere della Sera*. Disponível em [http://www.corriere.it/scuola/13\\_dicembre\\_06/scuola-solo-30percento-19enni-si-iscrive-universita-cbaabcca-5e7d-11e3-ae7-1683485977a2.shtml](http://www.corriere.it/scuola/13_dicembre_06/scuola-solo-30percento-19enni-si-iscrive-universita-cbaabcca-5e7d-11e3-ae7-1683485977a2.shtml). Último acesso em 11/08/2016.

em sua maioria por grandes empresas que empregavam mais de 500 funcionários e por pequenas unidades produtivas que davam emprego a não mais do que onze funcionários. Juntas, as grandes empresas e as pequenas unidades produtivas representavam mais de 57% do total das empresas presentes no país. Essa estrutura acabou se modificando entre as décadas de 1960 e 1970 (BRUSCO e PABA, 2010).

Nesses anos, a indústria italiana se modernizou e conquistou destaque em diversos nichos, como o automobilístico, o químico e o mecânico. O país desenvolveu uma nova organização da produção, baseada na aglomeração de pequenas e médias empresas, que passaram a despertar o interesse de estudiosos a partir da década de 1970, período em que a crise do petróleo e as mudanças no sistema monetário internacional afetaram sobremaneira a economia mundial. Entre os pesquisadores pioneiros que estudaram essas pequenas e médias empresas aglomeradas estão Piore e Sabel (1984), que defendem que esse modelo de organização poderia ser a resposta para a crise da produção em massa e para a superação do fordismo.

Progressivamente, os italianos se apropriaram de alguns setores que haviam sido deixados de lado pelos países mais ricos e mais industrializados, como o setor calçadista, o de vestuário e os de outros bens de consumo. Surgiram inúmeras pequenas empresas localizadas em regiões específicas, que passaram a dividir as tarefas de uma mesma produção.<sup>6</sup> Elas se estabeleceram em pequenas áreas definidas geograficamente, que se caracterizam por agrupar um grande número de pequenas e médias empresas especializadas em um tipo de produção dominante, e são conhecidas como *distritos industriais*. Esses distritos, segundo Menzani (2007), possuem um vínculo com as atividades manufatureiras locais pré-industriais.

Parte dessas empresas produz para o mercado final, e parte integra uma cadeia de produção formada pelo trabalho conjunto com outras fábricas. Essas empresas, que em grande parte funcionam com menos de vinte trabalhadores, constituem na maioria das vezes negócios familiares e estão conectadas entre si pela dinâmica da divisão das diversas fases e formas da produção dos produtos que fabricam. A organização social e econômica de cada distrito é uma das chaves para se entender o êxito desse modelo de organização regional: cada empresa é responsável por uma etapa da produção, e cada uma complementa o processo produtivo das outras empresas do distrito. Para Brusco (1992) os

---

<sup>6</sup> Segundo Vittori (2013), cerca de 97% da estrutura econômica italiana se baseia em microempresas com até 10 funcionários.

distritos podem ser definidos como um conglomerado de empresas que possuem uma relação particular entre si.

Além de visarem o mercado interno, essas empresas passaram a desenvolver um foco substancial na exportação de seus produtos.<sup>7</sup> Versace, Prada e Benetton são exemplos de sucesso que surgiram no interior dos distritos industriais italianos – frequentemente utilizando a mão de obra familiar e o trabalho em domicílio – e que se firmaram como sinônimos de status, luxo e bom gosto. Bertoni (2005) acredita que o desenvolvimento dos distritos industriais proporcionou à Itália uma sociedade pós-industrial sem, de fato, ter completado absolutamente o seu processo de industrialização, o que possivelmente seria nocivo, uma vez que com esse sistema de produção, o país estaria perdendo a sua capacidade industrial sem tê-la desenvolvido completamente.

A maior parte deste tipo de produção industrial é desenvolvida na Terceira Itália,<sup>8</sup> mas, segundo Sengenberger e Pyke (1999), o cerne desse sistema está localizado na província da Emilia-Romagna e em sua capital, Bologna. Cada distrito é especializado em um produto diferente, de acordo com a região em que se encontra. Um ponto interessante dessa organização é que na Itália, de um modo geral, os distritos industriais se localizam em regiões em que um partido político (geralmente os democratas cristãos ou os comunistas) possui mais força política do que os demais partidos. O desenvolvimento das unidades produtivas dos distritos industriais é diretamente influenciado pelas políticas promovidas pelos partidos políticos dominantes, seja em âmbito local ou nacional.

Na própria Emilia-Romagna, por exemplo, a partir da década de 1950 o Partido Comunista Italiano defendeu a formação de pequenas empresas e auxiliou os trabalhadores a criá-las e a se tornarem autônomos. Tanto o partido comunista quanto o partido socialista eram próximos da maioria dos sindicatos

---

<sup>7</sup> Marini, Oliva e Toschi (2012), afirmam que entre as empresas localizadas nos distritos industriais, 60,7% delas declararam possuir relações com o mercado externo, seja de natureza comercial ou produtiva.

<sup>8</sup> A terceira Itália compreende a região nordeste do país, composta por Emilia-Romagna, Toscana, Marche, Abruzzo e Veneto. De acordo com Cocco et al (1999), o termo Terceira Itália foi cunhado no final da década de 70, para diferenciar a região do tradicional movimento de hostilização entre o norte desenvolvido (que seria a primeira Itália) e o sul atrasado (a segunda Itália). Segundo Cannari e Franco (2012), entre as décadas de 1950 e 1980 a terceira Itália contribuiu para que o país se consolidasse como um dos polos mundiais da indústria manufatureira. Atualmente, essa região concentra cerca de 1/5 da população nacional, produz 1/4 do PIB do setor privado e quase 1/3 das exportações.



da região e também se inseriram na organização de pequenas empresas e de cooperativas. Cocco et al (1999), assinalam que o partido comunista permaneceu no poder entre as três maiores instâncias políticas do governo da região durante cinco décadas, e foi o responsável por organizar uma rede destinada ao desenvolvimento local, que envolvia associações patronais, sindicatos de trabalhadores e instituições do terceiro setor. Para Brusco e Pezzini (1992), uma parcela dessas políticas é resultante do papel que as ideologias políticas conferem às pequenas empresas. Assim, essas forças políticas foram muito importantes, especialmente entre as décadas de 1980 e 1990, para legitimar, apoiar e deliberar políticas específicas para as pequenas empresas inseridas nesses distritos.

Os estudiosos do tema (entre eles PIORE e SABEL, 1984; CAMPI, 1992; BRUTTI e CALISTRI, 1992; PYKE e SENGENBERGER, 1992 e 1999; BRUSCO, 1992; BRUSCO e PABA, 2010; BECATTINI, 1992 e 1999; SFORZI, 1992; MOSCONI, 2012) apontam que o êxito e a eficiência desta organização industrial decorrem da dinâmica específica que há entre o sistema social local e o sistema produtivo, que tendem a fundir-se no interior do distrito e são baseados na confiança e na colaboração. A confiança possibilita que os empresários façam grandes investimentos, pois sabem que os outros membros da comunidade sempre comprarão os produtos que foram frutos do investimento, ao invés de comprarem em outra fábrica. A confiança também permite que os empresários troquem ideias sobre o negócio, informações comerciais e conhecimentos sobre processos técnicos, pois eles têm a ciência de que os demais não irão se aproveitar das informações que lhe foram confiadas e que haverá reciprocidade em um momento futuro quando alguma empresa pretender compartilhar suas informações. Deste modo, cria-se uma rede de auxílio mútuo, em que o empresário pode confiar na ajuda dos outros em um momento difícil, da mesma forma que ele também sempre oferece a sua ajuda. Nesse sistema baseado na cooperação e na confiança, é interessante para todos que os demais empresários permaneçam como parte da comunidade, pois a sua capacidade e a sua perícia são recursos importantes que beneficiam de alguma forma as demais empresas. A confiança alcança tal patamar que os empresários visitam uns aos outros para debater os problemas de produção e de administração. Há a ideia de um crescimento coletivo, em que cada empresa se beneficia com o crescimento das demais (SENGENBERGER e PYKE, 1999).

Brusco (1992) ressalta que há um misto de competição e cooperação entre as empresas que compõem os distritos industriais, de forma que aquelas que desempenham a mesma atividade ou elaboram os mesmos produtos

competem fortemente entre si, enquanto que as empresas que possuem atividades distintas no processo de produção, praticam uma relação de colaboração entre elas, principalmente no que diz respeito à inovação técnica e ao projeto do produto.

De acordo com Piore e Sabel (1984), Brutti e Calistri (1992) e Pyke e Sengenberger (1992), uma das características dos distritos industriais é que estão organizados por um forte vínculo entre as esferas social, política e econômica, de forma que o êxito de cada uma delas está relacionado ao funcionamento e a organização das outras. Assim sendo, o sucesso ou o fracasso dos distritos depende da dinâmica de funcionamento entre cada uma dessas esferas. As relações entre os membros da comunidade local, juntamente com alguns fatores culturais (como o orgulho de pertencer a determinada cidade, o forte vínculo familiar e entre vizinhos de um mesmo território) e políticos (por exemplo, a forte herança socialista dos antepassados que ainda inspira algumas políticas locais) também têm bastante influência no fortalecimento dos distritos.

Outra característica que também é encontrada nos distritos é a capacidade de responder rapidamente às demandas de produtos que se modificam constantemente, condição que exige flexibilidade da mão de obra e das redes de produção. Como consequência, há um impacto direto na organização e no desempenho das funções exercidas pelos trabalhadores. Piore e Sabel (1984) sinalizam a presença de trabalhadores qualificados e polivalentes, em contraposição à mão de obra especializada e pouco qualificada presente no modelo taylorista-fordista de produção. Brutti e Calistri (1992) e Sengenberger e Pyke (1999), por sua vez, afirmam que os distritos industriais italianos não podem ser resumidos a uma aglomeração de pequenas e médias empresas instaladas em regiões que se beneficiaram de terra ou de capitais a um custo reduzido e que oferecem vantajosamente mão de obra intensa e desprotegida, com baixa remuneração. É inegável que este tipo de situação está presente na dinâmica desta forma de organização do trabalho, porém, defendem que não é uma regra geral. Ao que tudo indica, os autores acima mencionados percebem o modelo de especialização flexível disposto nos distritos industriais como bastante positivo, mas não se atentam que suas raízes estão fundadas no projeto neoliberal, e que se utilizam de inúmeras técnicas para extrair o máximo de comprometimento, produtividade e eficiência do trabalhador, em proporções impensáveis no interior do modelo fordista de produção. Harvey (2014) sustenta que a especialização flexível se tornou um mecanismo fundamental para disciplinar e reprimir a força de trabalho.

Becatini (1989; 1992) traça um paralelo entre os distritos industriais italianos e as organizações produtivas teorizadas por Marshall em 1919. De acordo com Marshall, a concentração de indústrias especializadas em regiões que possuem determinadas particularidades constitui um sistema que, graças à sua organização, pode competir com as grandes empresas que produzem em larga escala. Sforzi (1992) salienta que os distritos industriais marshallianos também podem ser identificados a partir das interações internas de um sistema de pequenas empresas manufatureiras, que intervém em diferentes fases de um mesmo processo de produção e que compartilham um território relativamente delimitado.

Os primeiros distritos italianos, os quais Brusco (1992) denominou de distritos industriais de primeira geração, foram observados em meados da década de 1970,<sup>9</sup> momento de grande êxito econômico para inúmeras empresas e cidades italianas, com destaque para a indústria têxtil, calçadista, moveleira e metalúrgica. Esse período foi marcado por grande desenvolvimento e pela expansão da produção, mesmo sem a intervenção do governo local. Os distritos industriais de segunda geração surgiram, de acordo com o autor, no início dos anos 80, a partir do desenvolvimento de novos mercados e novas tecnologias, que se tornaram um problema para as pequenas empresas dos distritos industriais. Com o intuito de auxiliar esses problemas que se tornaram constantes, os partidos de esquerda elaboraram uma espécie de intervenção pública. Esta intervenção, que se iniciou entre as décadas de 1970 e 1980, especialmente na Emilia-Romagna, pode ser sintetizada como a criação de centros que oferecem certos tipos de “serviços reais”, o que na realidade se configura como a oferta de assessoria para serviços que as pequenas empresas não poderiam encontrar sozinhas e que o mercado não disponibiliza espontaneamente (BRUSCO E PEZZINI, 1992). Assim, ao invés de oferecer crédito para essas empresas, as zonas onde estão localizados os distritos atuam de forma a sanar a própria necessidade que a empresa possui, seja um produto, uma máquina, uma pesquisa de mercado ou a busca de alguma informação que seja crucial para a produção. Auxiliados por essas medidas, os distritos conseguiram conquistar o mercado nacional e internacional, e algumas empresas possuem sua produção voltada apenas para a exportação.

Há um consenso entre os estudiosos do tema de que a produção no

---

<sup>9</sup> Entretanto, Capocchi (1992) aponta a existência de distritos industriais especializados a partir da década de 1900, que se transformaram e se adaptaram ao avanço da tecnologia durante o período entre 1950 e 1970.

interior dos distritos industriais está baseada na especialização flexível, que pode ser entendida como um modelo de organização do trabalho que visa superar a rígida estrutura de produção presente no fordismo. Caracteriza-se pela flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo (HARVEY, 1992). Com o propósito de atender às exigências singulares das empresas e de seus clientes, os empregadores passam a impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, e exigem cada vez mais trabalhadores qualificados e polivalentes, que sejam capazes de construir e desconstruir habilidades, conhecimentos e competências para atender às necessidades do capital.

Para elucidar os conceitos sobre este modelo de organização do trabalho, Capecchi (1992) compara algumas características existentes nesse modelo e no modelo fordista de produção. Na especialização flexível, as fábricas se dedicam à produção em pequena escala e a produtos personalizados, o que vai na contramão da produção em massa encontrada nas empresas que adotam o sistema fordista. No que tange à organização do trabalho, pode-se dizer que ela se baseia em três níveis: trabalhadores de escritório, trabalhadores qualificados e trabalhadores não qualificados, enquanto que, no fordismo, presencia-se uma clara separação entre os trabalhadores, havendo um número reduzido de funcionários qualificados e um grande número de trabalhadores não qualificados.

De acordo com Capecchi, na especialização flexível os trabalhadores costumam aperfeiçoar suas habilidades e experiências, e muitos deles conseguem se transformar em pequenos empresários autônomos. Esta, por sinal, é uma situação bastante comum nos distritos industriais italianos. Os produtos desenvolvidos sob a especialização flexível exigem uma colaboração entre a fábrica e sua clientela, e espera-se que o resultado final seja um produto sob medida para as necessidades de seu cliente. A produção, que no fordismo é organizada em grandes fábricas, altera-se substancialmente quando realizada pelo sistema de especialização flexível, pois se desmembra para muitas fábricas pequenas e médias que estão concentradas nos distritos industriais urbanos.

É comum encontrarmos estudos que associem a especialização flexível ao modelo toyotista de produção. Mas ao pesquisar sobre a organização de empresas e cooperativas no distrito industrial de Imola, Baglioni e Catino (1999) evidenciam a enorme distância que há entre o sistema toyotista de organização da produção e o modelo de especialização flexível. O método japonês, que nasce no âmago da indústria automobilística, associa uma grande variedade de

produtos a um alto volume de produção segundo o tipo de produto e o modelo. Já a maioria das empresas localizadas em Imola, por exemplo, possuem uma dimensão menor e atuam em outros setores que não o automobilístico, e por isso exigem um outro modo de organização para funcionar melhor. Os pesquisadores, que veem as empresas imolesas como pós-fordistas e pós-tayloristas, afirmam que há outros meios e modelos de organização da produção que se adequam às mais diversas realidades e que são mais apropriados a características específicas do mercado, e defendem que a saída do modelo fordista de produção não necessariamente impõe o ingresso no sistema toyotista.

A especialização flexível encontrada nos distritos industriais identificados por Marshall em 1919 e analisada por autores como Piore e Sabel (1984) e Becattini (1989; 1992) em seus estudos sobre a organização da produção no eixo centro-norte da Itália, pode ser descrita como uma produção flexível que satisfaz as necessidades dos clientes, organizada em inúmeras pequenas e médias empresas em um território determinado geograficamente que utilizam o mesmo modelo de produção e que possuem liberdade para venderem seus produtos diretamente ao consumidor final ou para integrarem parte do processo que constitui determinada cadeia de produção. A dicotomia competição/colaboração que a relação entre essas empresas enseja, ocorre de forma a não prejudicar o distrito industrial, que por sua vez possui estreitas relações com as esferas familiar, social e política na cidade que o acolhe.

Para Becattini (1992) uma característica importante da comunidade local é o sistema de valores e ideias que se estabelece praticamente homogêneo, e que resulta de uma ética de trabalho, de família, de reciprocidade e de trocas. Esse sistema interfere nos aspectos principais da vida e constitui um dos pré-requisitos para o desenvolvimento e para a reprodução de um distrito. Outro aspecto bastante marcante é a presença de uma grande quantidade de trabalhadores em domicílio e em tempo parcial. Becattini ressalta que essas categorias são o laço que une as atividades produtivas (compreendidas no sistema de empresas) e a vida cotidiana (compreendida no sistema de famílias) do distrito. Os trabalhos em domicílios e em tempo parcial possuem presença constante nos distritos industriais, pois ainda que em alguns momentos haja uma fase positiva para a situação do emprego, a população se utiliza dessas atividades para incrementar a renda mensal.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> O trabalho feminino em domicílio reforça as diferenças de gênero entre homens e mulheres. Na maioria das vezes, a mulher opta pelo trabalho realizado no lar na intenção de dar conta, ao mesmo tempo, de exercer uma atividade remunerada e de cuidar dos filhos, da família e da casa.

Os distritos, que tiveram importância histórica para a economia italiana entre as décadas de 1950 e 1980,<sup>11</sup> começaram a apresentar sinais de declínio no início dos anos 2000. De acordo com Cannari e Franco (2012), a taxa média de crescimento do produto *per capita* da região nordeste era de 2% a.a.. Entre 2000 e 2007, período anterior à crise que comprometeu diversas economias entre os países da Europa, esse crescimento foi praticamente anulado. O peso da exportação dessa região sobre o total do comércio mundial foi reduzido de 1,4% no final dos anos 90 para 1,1% em 2007. Segundo Ricciardi (2012), entre 2008 e 2009 – os anos mais afetados pela crise econômica – os distritos da Emilia-Romagna perderam cerca de 92 mil postos de trabalho, prejudicando particularmente as pequenas empresas (que possuem de 10 a 49 trabalhadores), que concentram 32% da ocupação na região. Com essas transformações, a região perdeu sua importância para outras regiões europeias, mostrando que suas dificuldades estavam acompanhando a realidade do restante do país.

Apesar da situação dos distritos, a região nordeste apresenta uma taxa elevada de ocupação, se comparada às outras áreas do país. Na Emilia-Romagna, a taxa de ocupação apresentou em 2011 e 2012 uma leve ascensão em relação às demais regiões que compõem o nordeste italiano. Segundo Cannari e Franco (2012) a taxa de ocupação é alta para a população masculina e demonstra crescimento para a população feminina. Antes da crise, a taxa de ocupação da região estava acima da média verificada na Alemanha. Contudo, os jovens e os trabalhadores com idade elevada representam o ponto fraco: a taxa entre eles é bem inferior àquela verificada na Alemanha, e a diferença é ainda maior entre as mulheres jovens ou com idade elevada. As oportunidades de trabalho flexíveis e precárias aumentaram significativamente no decorrer dos

---

Por não se envolver, na maior parte dos casos, com a responsabilidade de cuidar do lar e dos familiares, o homem tende a trabalhar fora, enquanto a mulher, muitas vezes, encontra nas atividades realizadas no domicílio como a “salvação” para os seus problemas de conciliar todas as atividades que lhe são socialmente atribuídas. Geralmente, o trabalho em domicílio é menos valorizado, mais precário, e pior remunerado. De encontro a este tema, Leite (1996) explicita que o trabalho feminino nos distritos industriais italianos, por ser na maior parte dos casos instável e mal remunerado, cumpre-se como um meio imprescindível para garantir a flexibilidade do sistema.

<sup>11</sup> De acordo com Menzani (2007) entre 1951 e 1981 a ocupação manufatureira no território italiano aumentou em uma média de 72%. Enquanto algumas regiões tiveram um crescimento mais tímido, a Emilia-Romagna registrou um crescimento de 179%. Para o autor, as razões dessa grandiosa expansão centram-se em três elementos que caracterizam a estrutura industrial da região: a diversificação que possibilitou que a região pudesse responder as mais variadas oportunidades do mercado; a flexibilidade propiciada pela estrutura das pequenas e médias empresas que permitiu uma atualização mais rápida das habilidades; e a coesão obtida por meio da cooperação entre as empresas em todas as instâncias, mas especialmente nas áreas conhecidas como distritos industriais.

anos 2000. A taxa de jovens que não trabalham e nem estudam na região nordeste (16,2%) é inferior à média apresentada no restante do país (23,4%), mas, durante o período entre 2008 e 2010, registrou um crescimento superior à média nacional.

Cannari e Franco (*ibidem*) observam que o futuro da região nordeste e, conseqüentemente, dos distritos industriais, depende da capacidade das empresas de conseguirem renovar suas próprias estratégias e crescer. Depende ainda das políticas públicas desenvolvidas em todos os âmbitos do governo e da criação de condições favoráveis para o crescimento econômico. Porém, nem todos os estudiosos observam possibilidade da retomada do crescimento no interior dos distritos. Caselli (2012), por exemplo, afirma ser evidente que esse modelo de produção entrou em sua fase terminal. De fato, o número de distritos industriais tem diminuído ao longo das décadas. Brusco e Paba (2010) afirmam que em 1991 existiam aproximadamente 200 distritos industriais que empregavam cerca de 42,5% de todos os trabalhadores da indústria manufatureira italiana. Em 2001, segundo a Istat,<sup>12</sup> haviam 181 distritos distribuídos em todo o país e, em 2011, esse número foi reduzido a 141 distritos.

Contudo, ainda é cedo para arriscar previsões. É importante considerar que os distritos industriais ingressaram na crise assim como a região nordeste, o país e a Europa de uma forma geral. Portanto, o que vemos atualmente é uma crise generalizada na economia europeia, e não um evento exclusivo no interior dos distritos. Apenas o tempo poderá anunciar se os caminhos escolhidos pelos governos e pelas empresas foram certos o suficiente para dar uma guinada na situação econômica e social da Itália.

### Considerações finais

A Itália despertou para o seu desenvolvimento social e econômico após a Segunda Guerra Mundial. Naquele período, inúmeras forças políticas de esquerda trabalharam para reestabelecer o país, o que inclui o estímulo ao empreendedorismo e à criação de pequenas e médias empresas. Desse modo, os distritos industriais encontraram na Itália a condição ideal para se desenvolverem. Alicerçada na qualificação da mão de obra e na flexibilização dos contratos de trabalho, a organização da produção em seu interior passou a chamar a atenção de estudiosos do tema a partir da década de 1970. Muitos

---

<sup>12</sup> O Istat é o Instituto Nacional de Estatística Italiano. Para conhecer mais dados sobre os distritos industriais e sobre a Itália de um modo geral, cf. <http://www.istat.it>.

desse pesquisadores identificaram nesse peculiar sistema de arranjos produtivos locais uma alternativa positiva para transcender o modelo fordista de produção e sanar a crise do consumo em massa. Entretanto, ao ganhar notoriedade e se difundir pelo mundo, o modelo inspirou a crítica de muitos autores por propagar uma regulação do trabalho que predominantemente absorve uma mão de obra mais flexível, o que reflete negativamente na estabilidade, na qualidade e na remuneração do trabalho.

Atualmente, experiências com distritos industriais são encontradas em inúmeros países, entre eles México, Brasil, Índia, Alemanha, Bélgica, França e Dinamarca. Mas o modelo encontrado na Itália, que é considerado um grande exemplo de sucesso, ainda é um caso paradigmático e difícil de ser replicado. Entre as razões encontradas para a dificuldade em replicá-lo estão o forte vínculo comunitário nutrido entre os membros de uma mesma região, a dinâmica de competição/cooperação no interior dos distritos e o papel dos governos italianos em apoiar e estimular políticas para as pequenas e médias empresas.

Há autores que defendem a teoria de que os distritos industriais italianos estão em declínio. É difícil prever, pois embora as estatísticas apontem para uma diminuição no número de distritos e de seus respectivos postos de trabalho ao longo das décadas, eles ainda possuem grande importância na economia e na organização do trabalho no território italiano, sendo responsável por 25% do sistema produtivo do país. Vale ressaltar que as empresas que pertencem aos distritos seguem o fluxo da economia, e elas não podem ser observadas fora do contexto econômico do país. Portanto, ainda é uma incógnita saber se os distritos industriais continuarão a ter um papel importante no futuro, mas algumas de suas características como a qualificação e a polivalência exigidas na mão de obra parecem ter se consolidado na atual organização do trabalho mundial.

## Referências

BAGLIONI, Guido; CATINO, Maurizio. **Operai e ingegneri**: Cooperazione e partecipazione nel distretto industriale di Imola. Bologna: il Mulino, 1999.

BARCA, Fabrizio. **Italia Frenata**: Paradossi e lezioni della politica per lo sviluppo. Roma: Donzelli Editore, 2006.

\_\_\_\_\_. Prefazione. In: BARCA, Fabrizio (org.). In: **Storia del capitalismo italiano dal dopoguerra ad oggi**. Roma: Donzelli Editore, 2010a.

\_\_\_\_\_. Compromesso senza riforme nel capitalismo italiano. In:



BARCA, Fabrizio (org.). In: **Storia del capitalismo italiano dal dopoguerra ad oggi**. Rome: Donzelli Editore, 2010b.

BECATTINI, Giacomo. Riflessioni sul distretto industriale Marshalliano come concetto socioeconomico. In: **Stato e mercato**, nº. 25 (reeditado), 1989.

\_\_\_\_\_. El distrito industrial marshalliano como concepto socioeconomico. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia**. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

\_\_\_\_\_. Os distritos industriais na Itália. In: URANI, André; COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Orgs.). **Empresários e Empregos nos Novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BIANCHI, Patrizio. **La rincorsa frenata: L'industria italiana dall'unità alla crisi globale**. Bologna: il Mulino, 2013.

BRUSCO, Sebastiano. El concepto de distrito industrial: su genesis. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia**. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

\_\_\_\_\_.; PEZZINI, Mario. La pequeña empresa en la ideologia de la izquierda italiana. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia**. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

\_\_\_\_\_.; PABA, Sergio. Per uma storia dei distretti industriali italiani dal secondo dopoguerra agli anni novanta. In: BARCA, Fabrizio (Org.). In: **Storia del capitalismo italiano dal dopoguerra ad oggi**. Rome: Donzelli Editore, 2010.

BRUTTI, Paolo; CALISTRI, Franco. Distritos industriales y sindicatos. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia**. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

CAMPI, Maria Teresa Costa. Presentación a la edición española. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia**. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

CANNARI, Luigi; FRANCO, Daniele. L'economia del Nord-Est: caratteristiche e recenti trasformazioni. In: MOSCONI, Franco (Org.). **La metamorfose del "Modello emiliano"**: L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano. Bologna: il Mulino, 2012.

CAPECCHI, Vittorio. Un caso de especializacion flexible: los distritos industriales de Emilia Romagna. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I**: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

CASELLI, Guido. Emilia-Romagna 2.0, una comunità resiliente. Dal modello del "non più" al modello del "non ancora". In: MOSCONI, Franco (Org.). **La metamorfose del "Modello emiliano"**: L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano. Bologna: il Mulino, 2012.

COCCO, Giuseppe, GALVÃO; Alexander Patez, SILVA; Mirela Carvalho Pereira. Desenvolvimento local e espaço público na Terceira Itália: questões para a realidade brasileira. In: URANI, André; COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Orgs.). **Empresários e Empregos nos Novos Territórios Produtivos**: o caso da Terceira Itália. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. Para entender O Capital: Livros II e III. São Paulo: Boitempo, 2014.

LEITE, Marcia de Paula. **A qualificação reestruturada e os desafios da formação profissional**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n.45, p. 79-96, 1996.

MARINI, Daniele; OLIVA, Silvia; TOSCHI, Gianluca. La metamorfose dei distretti industriali del Nord-Est. In: MOSCONI, Franco (Org.). **La metamorfose del "Modello emiliano"**: L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano. Bologna: il Mulino, 2012.

MARSHALL, A. **Industry and Trade**. London: Macmillan, 1919.

MARTINO, Giulio De. **La mente storica**: orientamenti per la didattica geo-storico-sociale. Nápoles: Liguori Editore Srl, 2005

MENZANI, Tito. **La cooperazione in Emilia-Romagna**: dalla resistenza alla svolta degli anni settanta. Bologna: Il Mulino, 2007.

MOSCONI, Franco. Introduzione. Bologna e le altre: una comunità in trasformazione. In: MOSCONI, Franco (Org.). **La metamorfose del "Modello emiliano"**: L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano. Bologna: il Mulino, 2012.

PIORE, Michael. J.; SABEL, Charles F.. **The second industrial divide**:

possibilities for prosperity. New York : Basic Books, 1984.

\_\_\_\_\_. Obra, trabajo y accion: experiencia de trabajo en un sistema de produccion flexible. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia.** Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

PYKE, Frank; SENGENBERGER, Werner. Introduccion. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia.** Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

RICCIARDI, Antonio. I distretti tra crisi e ripresa: i risultati del III Raporto (2011) dell'Osservatorio Nazionale Distretti Italiani. In: MOSCONI, Franco (Org.). **La metamorfose del "Modello emiliano": L'Emilia-Romagna e i distretti industriali che cambiano.** Bologna: il Mulino, 2012.

SENGENBERGER, Werner; PYKE, Frank. Distritos industriais e recuperaçao econômica local: questões de pesquisa e de política. In: URANI, André; COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Orgs.). **Empresários e Empregos nos Novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SFORZI, Fabio. **Importancia cuantitativa de los distritos industriales marshallianos en la economia italiana.** In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia.** Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.

VITTORI, Rudi. **Export, delocalizzazione, internazionalizzazione. Un'opportunità delle aziende italiane per superare la crisi.** Milano: FrancoAngeli, 2013.

### **The Italian economy and the development of industrial districts**

#### **ABSTRACT**

This article aims at discussing the development of industrial districts in Italy. Acknowledged as one of the most successful examples, the districts contributed to stimulating the restructuring of productive processes based on flexible specialization, which in turn it is gradually replacing the organization of work set out in the Fordist production model. The text begins with a brief historical and economic background of Italy, pointing out elements that were important to consolidate those local production arrangements in the country. Then, it is emphasized the discussion on industrial districts, signaling the main features that promoted its success in Italy.

Keywords: Italian industrial districts, flexible specialization, Italian economy.